

## NOTAS SOBRE REGATAS FESTIVAS EM BELÉM DO PARÁ (1876 AOS ANOS INICIAIS DE 1900)<sup>1</sup>

Douglas da Cunha Dias

### RESUMO

*O artigo objetivou discutir as regatas comemorativas realizadas de 1876 ao início de 1900, em Belém do Pará. As fontes foram jornais da época. Concluiu-se que tais regatas compuseram o quadro de esportivização das práticas aquáticas, forjando um sentido positivo à vida ao ar livre, alinhado à modernização e urbanização durante a belle époque em Belém. PALAVRAS-CHAVE: regatas; esportes náuticos; Belém do Pará (séculos XIX-XX).*

### PREÂMBULO: UMA CIDADE, UMA NOVIDADE QUE SE ANUNCIA

Amanhecia em Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Decorria 1876, e os dias da mortandade trazida pelo surto de cólera, que terminariam por dizimar pelo menos um terço dos belenenses<sup>2</sup>, pareciam um quadro preso ao passado. A cidade fundada às margens da Baía do Guajará no primeiro quartel do século XVII, alinhava-se então ao progresso e à prosperidade, com suas elites experimentando riqueza e modernidade trazidas pelo comércio da borracha. Eram os anos iniciais daquilo que ficaria conhecido como belle époque amazônica, e Belém inseria-se na economia mundial, carregando consigo as contradições do capitalismo ora emergente, pois, se as elites fartavam-se em regozijo, era a exclusão e a miséria que alimentavam a maioria do povo.

Mas, naquela manhã de 1876, movidos por uma inédita festividade que se anunciava acessível a todos, os cidadãos acordaram mais cedo para, em meio ao frescor matutino, dirigirem-se à sua formosa Baía, porque ali, marcando a fundação do primeiro clube náutico belenense, o “Club de Regatas”, seria realizada uma prova náutica em homenagem à vitória brasileira na batalha de Riachuelo. É a partir dessa festa náutica que o presente artigo objetiva investigar as regatas comemorativas ocorridas em Belém do Pará entre 1876 e os anos iniciais de 1900, problematizando-as como momento inicial do processo que levou à esportivização

<sup>1</sup> O presente artigo resulta de minha tese de doutorado defendida na UNICAMP, sob a orientação da Professora Dra. Carmen Lúcia Soares, a quem agradeço. A pesquisa contou com o fomento da CAPES/CNPq, por meio do programa PRODOUTORAL.

<sup>2</sup> Em maio de 1855 um surto de cólera assolou Belém, perdurando até fevereiro de 1856. Sobre o tema ver BELTRAO (2004) e DIAS (2014).



das práticas aquáticas, consolidado a partir da década de 1910 com o surgimento dos esportes náuticos. Como fontes da pesquisa, foram utilizados jornais da época, pertencentes ao acervo do setor de microfilmes do CENTUR<sup>3</sup>.

Avançando ao que o artigo propõe, pontuo a existência de uma lógica social e econômica forjada pelo modo de produção capitalista que, a partir do século XIX, acarretou mudanças estruturais e conceituais em escala mundial<sup>4</sup>. Tal movimento podia ser observado em várias urbes, guardando certa diferenciação temporal e mesmo regional<sup>5</sup>. No que diz respeito ao Brasil, “[...] as gerações que viveram entre o final do século XIX e início do XX [foram marcadas pela] mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades”<sup>6</sup>. Destarte, os intelectuais brasileiros do entre séculos arrojaram-se em um empreendimento que tinha a transformação social (que levaria à abolição da escravidão e à proclamação da República), entendendo

[...] o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades, e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas, como ele se prometia<sup>7</sup>.

Defendia-se à época que o progresso brasileiro dependia do nivelamento de sua sociedade em relação ao modo de vida europeu e norte-americano, bem como a modernização das estruturas do país, integrando-o ao que se impunha como “unidade internacional”, alavancando o padrão cultural e material de sua população<sup>8</sup>,

[...] como se a instalação do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexo coextensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas<sup>9</sup>.

A mudança de mentalidades ocorrida no Brasil de então deu-se a partir de tensões, implicando afirmar a existência de várias (e não uma única) concepções do que seria a vida pública e a vida privada. Concepções diversas, que não devem ser pensadas como “[...] equivalentes ao seu congênere europeu [e, tampouco,] estáveis, redefinindo-se [portanto]

---

<sup>3</sup> Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Abriga, entre outros, a Biblioteca Pública Arthur Vianna, à qual está vinculado o setor de microfilmes.

<sup>4</sup> HOBBSAWM, 1998.

<sup>5</sup> SEVCENKO, 2010.

<sup>6</sup> SEVCENKO, 2010, p. 514.

<sup>7</sup> SEVCENKO, 1989, p.78,.

<sup>8</sup> SEVCENKO, 1989.

<sup>9</sup> SEVCENKO, 2010, p.27.



constantemente de acordo com as dinâmicas da vida social e das transformações históricas<sup>10</sup>. Pode-se, desse modo, atribuir não mais que semelhanças entre o processo de modernização e urbanização brasileiro e o europeu, já que o mecanismo capitalista daquele momento trazia “[...] consigo um vigor expansionista [porém] a uniformidade dessa ‘civilização’ se situa antes nas transformações socioeconômicas e tecnológicas engendradas do que na esfera sociocultural”<sup>11</sup>. Por outro lado, desconfiança e receios pairavam sobre a aurora da República brasileira. Entretanto, mesmo que houvesse

[...] muita dúvida no ar, a atmosfera geral era de euforia, assim como pairava a certeza, por parte das novas elites que ascenderam com a República, de que o Brasil ‘andava a braços’ com os novos ditames do capitalismo, do progresso e da civilização”<sup>12</sup>.

Esses ares foram respirados em Belém (assim como em Manaus) durante a chamada belle époque amazônica, ocorrida entre 1880 e os anos iniciais da década de 1910. No caso de Manaus, por exemplo, diz-se que a modernidade trazida pela belle époque

[...] não só substituiu a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida [...] mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos [...]. É a modernidade que chega [...] arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo<sup>13</sup>.

Em Belém, a belle époque foi marcada pela administração do intendente municipal Antonio José de Lemos<sup>14</sup>. Destarte, se até meados do século XIX a economia belenense resumia-se a pequenas atividades comerciais e a criação de gado, o cenário muda a partir de 1850 com o advento da exploração da borracha, cuja supremacia sobre as demais formas de produção consolidou-se ao final dos anos de 1870, estendendo-se até os primeiros anos de 1910<sup>15</sup>. Dessa forma, enriquecida pelo comércio da borracha, integrada à lógica estrutural e funcional do capitalismo internacional, bem como idealizada a partir da europeização dos usos e costumes, viveu-se na capital do Grão-Pará um processo marcado por intervenções

<sup>10</sup> SEVCENKO, 2010, p.28.

<sup>11</sup> FREHSE, 2005, p.235.

<sup>12</sup> SCHWARCZ, 2012, p.39.

<sup>13</sup> DIAS, 2007, p.29.

<sup>14</sup> Nasceu no Maranhão, em 1843, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 1913. Iniciou sua carreira política em Belém como um dos vogaes do município. Na figura de intendente, governou a cidade entre os anos de 1897 e 1911, período de máximo crescimento econômico da capital do Grão-Pará. Sobre a belle époque belenense, ver SARGES, 2010. Sobre a administração de Antonio Lemos, ver SARGES, 2002.

<sup>15</sup> DIAS; SOARES, 2014.



pedagógicas e disciplinares que transitaram entre a vida pública e a de caráter privado, nem sempre respeitando os hábitos e culturas populares. Foi erguida, assim, uma cidade de riquezas (para poucos), que se espelhava naquela cidade miserável, imposta à maioria de sua população. Mergulhada em contradições, em meio a cortiços e ruas enlameadas, logo foram implantados um moderno porto, em substituição aos antigos trapiches, bem como hospitais, um moderno forno crematório, a “[...] *The Amazon Telegraph Company*, linha telegráfica por canos submarinos [...] 43 fábricas [...], 5 bancos, 4 companhias seguradoras [...]”<sup>16</sup>.

O frenesi das ruas, bem como a contínua, confusa e voraz excitação em busca do novo animavam o consumismo belenense. Tal crescimento foi acompanhado pela ruptura com o modelo arquitetônico e urbanístico característico dos tempos coloniais. Belém, então, era uma cidade voltada à nova ordem urbana e dos sentidos, alinhando-se ao movimento de “regeneração”<sup>17</sup>. E mais: em certos aspectos, a urbanização belenense antecipou-se ao movimento da “regeneração”, a se considerar, por exemplo, um discurso coevo que afirmava:

[...]Da iluminação pela electricidade, a ultima palavra da sciencia neste assumpto, ainda não gosam muitas das velhas e adiantadas capitaes da Europa, e no paiz, das grandes capitaes que dão testemunho do seo engrandecimento, é esta a que primeiro realiza tão grande cometimento [...]”<sup>18</sup>.

Tamanha prosperidade, é importante reforçar, alcançava apenas as elites belenenses, deixando a maioria de sua população entregue à miséria e ao caos provocado pelo inchaço urbano. Partindo desse quadro, importa considerar a vida banal tecendo temporalidades que não se restringem à moldura de ordem política, jurídica, médica, econômica e demográfica que se impunha. Assim, no que pese a tensões, exclusões e descontinuidades amalgamadas ao capitalismo que avançava, cabe pensar que nas cidades “[...] houve um processo cumulativo relativamente contínuo: acumulação de conhecimento, de técnicas, de coisas, de pessoas, de riquezas, de dinheiro, depois de capital”<sup>19</sup>. Grosso modo, naquela Belém absorvida pelos

<sup>16</sup> SARGES, 2010, p.150-152.

<sup>17</sup> Expressão adotada pela imprensa da época para denominar o processo de urbanização e modernização imposto ao Rio de Janeiro então capital do Brasil, e, por extensão, às demais capitais. Pode ser dito que tal denominação esclarecia o “[...] espírito que presidiu esse movimento de destruição da velha cidade, para complementar a dissolução da velha sociedade imperial, e de montagem da nova estrutura urbana” (SEVCENKO, 1989, p.30-31). Sobre o tema, ver também SCHWARCZ, 2012.

<sup>18</sup> FOLHA DO NORTE, 05.02.1896, p.1.

<sup>19</sup> LEFEBVRE 2004, p.34.



acenos da belle époque, o ideário capitalista forjou um modelo de urbanidade capaz, grosso modo, de o retratar, dando-lhe visibilidade e corpo.

Eram dias de novidades, assim como de fluidez e inconstâncias, e o que surgia reluzente logo parecia fadado ao obscurantismo. Compondo e viabilizando tal mudança de cenários e comportamentos, o surgimento e valorização de práticas físicas ao ar livre, no caso desse artigo, pensadas a partir de práticas aquáticas junto à Baía do Guajará, sob a forma de regatas comemorativas. Assim, para além da construção do moderno porto da cidade (implicando a destruição dos antigos trapiches que ali imperavam), os mecanismos e estratégias de reconfiguração espacial e dos sentidos, vislumbraram as águas guajarinas como palco de novas sociabilidades e recreios, mais especificamente, a realização de regatas integradas a festas cívicas.

De forma introdutória, cabe afirmar que ainda em uma Belém Imperial, as regatas eram realizadas em datas comemorativas. Posteriormente, já no período Republicano, as regatas passaram a integrar as chamadas “Festas Republicanas”, inicialmente com pouco destaque e, mais adiante, como um dos eventos principais. Esse quadro foi uma constante até o início dos anos de 1900, quando houve uma breve interrupção das regatas, indicando uma possível crise, logo superada com o surgimento, em Belém, da “Liga Marítima Brasileira”, que passou a administrar as competições náuticas, dando às mesmas um novo formato, mais próximo do esporte, embora ainda guardando vínculo com as datas cívicas. A instalação da “Liga Marítima Brasileira”, é, portanto, o marco final do presente artigo.

#### QUE VENHAM AS REGATAS FESTIVAS, E O ACENO DA MODERNIDADE

Realizada em 11 de junho de 1876, a primeira regata realizada em Belém foi de caráter comemorativo, precedida por chamadas que circularam, ao longo de vários meses, pelas páginas dos jornais coevos, convidando os “[...] senhores amadores [a inscreverem] suas embarcações a remos ou a vapor [declarando] a sua especie, e dimensões e quantidade de remos [para] poder correr com as demais já inscriptas, com as mesmas vantagens”<sup>20</sup>. Momento de destaque para a vida social de Belém, a fundação do “Club de Regatas” foi realizada por “[...] officiaes da armada da estação naval do districto [...] no sempre glorioso 11 de junho, anniversario da batalha naval de Riachuelo”<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> O LIBERAL DO PARÁ, 31.05. 1876, p.3.

<sup>21</sup> A CONSTITUIÇÃO, 27.05.1876, p.1.



Exultante, um cronista afirmava que a formosa Baía seria o palco de grande novidade, “[...] tão digna de vêr-se como útil pelo estímulo que proporciona aos constructores e amadores, [que] tem empenhado os seus melhores esforços para que ella seja digna do nosso desenvolvimento”<sup>22</sup>. Considerar que a constituição do campo esportivo exige desse uma relativa autonomia de calendário, a irredutibilidade a um divertimento festivo e a constituição de *governing bodies*<sup>23</sup>, implica dizer que a regata em questão ainda se distancia do esporte moderno<sup>24</sup>, naquilo que depende, ou faz-se vinculada, à um calendário que não guarda certa autonomia. Mas, ao mesmo tempo, e de forma tensionada, por não se resumir a um momento de mera festividade (afinal, houve competição entre os inscritos), e por contar também com um relativo corpo técnico especializado (dos remadores aos administradores das provas), a regata acaba apresentando traços do que mais tarde se configuraria como esporte náutico.

Contrapondo-se ao caráter de passeio e contemplação, o evento reuniu autoridades e membros das elites da época, além, é claro, dos próprios participantes, estes, a partir da racionalização do evento, divididos em amadores e profissionais. A mobilização foi geral. Visando o luxo e conforto das elites que compareceram ao espetáculo, as empresas donas dos navios anunciavam seus serviços. Evidencia-se dessa maneira certa racionalização do evento por meio de cuidados com o local, com o ponto de saída e chegada, com a sinalização e com os juízes da prova:

A distancia escolhida para as corridas é o espaço compreendido entre o reducto, estando ali o hiate “Reachuelo” para servir de ponto de partida e uma lancha da alfandega e uma prancha com uma bandeira ancorada em frente da canhoneira “Felipe Camarão” para o ponto de chegada. A bordo da canhoneira [...] se acharão as commissões de jury e dos juízes de chegada<sup>25</sup>.

A classificação de cada embarcação e a consequente formação das provas era decidida por uma comissão especializada (note-se, aqui, elementos de racionalização). Foram realizadas oito provas para os profissionais, divididos em embarcações com 12, 10, 08, 06, 04 e 02 remos. Entre os amadores, apenas duas provas, ambas para embarcações de 04 remos. Houve também um tempo de espera de trinta minutos, que seria “[...] o campo livre para todos que quiserem correr, podendo os já corridos até os de 6 remos tornar a correr com outros ou

<sup>22</sup> DIÁRIO DE BELÉM, 11.06.1876, p.1

<sup>23</sup> Sobre o tema, ver BOURDIEU, 1983.

<sup>24</sup> Sobre a configuração do esporte moderno, ver ELIAS; DUNNING, 1992.

<sup>25</sup> A CONSTITUIÇÃO, 08.06.1876, p.2.



entre si”. Finalizando a regata, uma cerimônia de premiação reuniu todas as comissões, bem como os convidados, “[...] a bordo do vapor Belem [sendo] um á escolha da comissão para cada vencedor de pareo e um especial para o vencedor dos vencedores [...]”, sendo que, logo após o cerimonial, foi servido um requintado “[...] lunch de 150 talheres, repetido ainda mais algumas vezes [...] Depois do *lunch* e ainda á bordo do “Belem” teve lugar uma *matinée dansante* [...] até as 4 horas da tarde, em que findou-se tão esplendida festa”<sup>26</sup>.

O sucesso foi tamanho que no mês seguinte outra regata foi promovida pelo “Club de Regatas”, agora, alusiva ao dia sete de setembro. A divulgação por parte da imprensa foi mais pormenorizada em relação à regata inaugural, inclusive, informando que seria eleita uma nova diretoria do clube e que essa ficaria responsável por organizar o novo evento<sup>27</sup>. Foram convidadas “[...] todas as pessoas que quiserem tomar parte na corrida [...] a irem á praça do commercio, até 31 do corrente, inscrever suas embarcações, para serem devidamente classificadas”<sup>28</sup>. O acesso aos vapores continuava restrito aos sócios adimplentes e seus eventuais convidados. Portanto, era preciso retirar previamente o ingresso “[...] no armazem do sr. Hollanda, provenindo-se que nenhum socio será, admettido a bordo do vapor Belem sem que apresente o referido ingresso”<sup>29</sup>. A segunda regata teria superado a primeira, pois houve “[...] maior animação [...] o que prova que a sociedade se esforça por cortar os abusos q’ sóem introduzir-se nas associações nascentes, firmando-se assim em bases solidas e duradouras”<sup>30</sup>. Eis então que surge uma novidade nas narrativas: a publicação o tempo gasto por cada vencedor. Entre os amadores, por exemplo, sabe-se que no segundo páreo, em embarcação de quatro remos, o vencedor alcançou o tempo de cinco minutos. Já entre os profissionais, em disputa a seis remos, o vencedor concluiu a prova também em cinco minutos.

A julgar pelo tempo similar entre amadores (embarcação de quatro remos) e profissionais (embarcação de seis remos), é viável supor que a distância das provas não foi a mesma. O efeito espetacular da regata teria sido tal que, ao término das provas, “[...] grande

---

<sup>26</sup> A CONSTITUIÇÃO, 08.06.1876, p.2. Grifos do jornal

<sup>27</sup> De ordem do sr. Presidente convido a todos os membros do Club de Regatas a se reunirem no domingo 30 do corrente, ás 8 horas da manhã, no salão da praça do commercio para tratar-se da corrida que deve ter lugar no dia 7 de setembro e de assumptos relativos á administração (O LIBERAL DO PARÁ, 21.07.1876, p.2).

<sup>28</sup> O LIBERAL DO PARÁ, 19.08.1876, p.2.

<sup>29</sup> O LIBERAL DO PARÁ, 25.08.1876, p.2.

<sup>30</sup> O LIBERAL DO PARÁ, 10.09.1876, p.2.



numero de senhoras, das q'se achavam a bordo do [vapor] inscreveram para socias do Club de Regatas"<sup>31</sup>. Cumpria-se a função de, para além do espetáculo, do recreio e da competição, aumentar o número de associados ao "Club de Regatas", inclusive entre as mulheres. Gestava-se ali o clube esportivo como um novo espaço para sociabilidades e, de certo modo, inserção da mulher belenense na vida pública.

Tais eventos repetiram-se, até a chegada de duas outras novidades: a regata dos "catraeiros", competição de menor porte, realizada em 03 de junho de 1888, e a "grande regata" promovida pela imprensa, também chamada de "O festival da imprensa", ocorrida em 11 de junho daquele mesmo ano. A regata promovida pelos catraeiros foi prestigiada por autoridades militares e civis, bem como por Antonio Lemos, ainda na qualidade de deputado provincial, e se constituiu em uma festividade composta por quatro provas, sendo a última, o confronto entre os vencedores das demais. A primeira prova contou apenas com uma catraia inscrita e por isso não foi realizada, porém, curiosamente, foi essa a catraia vencedora da última prova, sendo declarada "campeã das campeãs". Após a vitória, a campeã desafiou "[...] qualquer escaler de seis remos para o dia 11 do corrente [...]"<sup>32</sup>.

Por seu lado, a festividade promovida pela imprensa foi realizada "em honra ao 13 de maio e 11 de junho [...] dous factos grandiosos, que hão de eternamente rebrilhar nos faustos da nossa cara pátria – a extinção do captiveiro, e a gloriosa batalha do Riachuelo"<sup>33</sup>. Essa regata apresenta como particularidade o fato de ter Antonio Lemos à frente de sua organização. Afinal, Lemos, naquele momento, além de ser deputado provincial, exercia também a função de jornalista<sup>34</sup>, na condição de redator-chefe e um dos sócios do jornal "A Província do Pará"<sup>35</sup>. Foram convocados profissionais e amadores, "[...] devendo os que se inscreverem declarar não só os seus nomes como os das embarcações que tiverem de tomar parte na regata e o gênero das mesmas embarcações"<sup>36</sup>.

31 O LIBERAL DO PARÁ, 10.09.1876, p.2.

32 O LIBERAL DO PARÁ, 05.06.1888, p.1.

33 A PROVÍNCIA DO PARÁ, 15.06.1888, p.1.

34 "A trajetória política do intendente mistura-se com o exercício do jornalismo" (SARGES, 2002, p.45).

35 O Jornal seria comprado por Lemos 1889, logo transformando-se em um dos veículos de propaganda do Intendente. Assim, Lemos "[...] imprimiu outra dinâmica ao jornal, chegando ao ponto de ensinar aos 'gazeteiros', por ocasião da distribuição dos jornais, as notícias mais interessantes que deveriam ser apregoadas" (SARGES, 2002, p.46).

<sup>36</sup> O LIBERAL DO PARÁ, 05.06.1888, p.1.





No que diz respeito às mulheres, pouca visibilidade. Nos primeiros anos, aparecem apenas como expectadoras, ali presentes para embelezar o evento. É o que aponta uma crônica, ao dizer que à regata de 1877 compareceram “[...] mulheres com seus elegantes vestuários, lindos chapéus e mais lindos rostos que se apinhavam em suas bordas”<sup>37</sup>. Elegantes e belas, as mulheres marcavam assim, como expectadoras de um espetáculo físico ao ar livre, os novos tempos que ali eram forjados. Destarte, no Brasil, a virada do século XIX para o XX traz consigo uma maior inserção feminina no campo das sociabilidades urbanas, fosse como expectadoras ou como atletas<sup>38</sup>.

### **SOBRE AS ÁGUAS REPUBLICANAS, RUMOU-SE À ESPORTIVIZAÇÃO**

Avanço no tempo para pensar uma Belém já republicana: mobilizadoras de multidões, as regatas serviram como veículo para celebrar o novo regime. No caso de Belém, uma particularidade: embora a proclamação da República tenha ocorrido em 15 de novembro, a adesão do Pará ocorreu apenas no dia 16 do mesmo mês; isso fez com que os belenenses comemorassem as duas datas como momento cívico, por intermédio das “Festas Republicanas”<sup>39</sup>, promovidas pelo governo e pela intendência municipal. Composto a programação de tais festas, eram disputadas regatas, inicialmente, no dia 15 de novembro, e, após alguns anos, no dia 16 do mesmo mês, assumindo o papel de ponto culminante do dia. Organizada pelo inspetor do Arsenal de Marinha e pelas Companhias de Navegação, com o auxílio do Conselho Municipal, as regatas constituíam-se em celebração característica da grandiosidade de um povo que se identifica “[...]com os mais faustosos acontecimentos que lhes relembram as conquistas no círculo das liberdades e fazem das datas que os assignalam dias de verdadeiro delírio patriótico”<sup>40</sup>.

Objeto político, a festa republicana de 1892 foi alvo de críticas por parte dos oposicionistas ao novo regime de governo. Dizia-se que o poder público não mediu esforços para realizar uma festa deslumbrante para saudar o terceiro ano da República, mas que a população, de fato, estava indiferente ao evento. Para forjar entusiasmo popular, segundo os críticos, os jornais governistas operaram “[...] um colorido de entusiasmo fictício [para] elevar até o delírio, para fazer crer que há nestas manifestações officiaes de regosijo publico a

<sup>37</sup> O LIBERAL DO PARÁ, 23.11.1877, p.1.

<sup>38</sup> LUCENA, 2001.

<sup>39</sup> Sobre as “Festas Republicanas”, ver COELHO (2002).

<sup>40</sup> A REPÚBLICA, 16.10.1892, p.1.



espontaneidade, a iniciativa de uma população entusiasta da nova forma de governo”<sup>41</sup>. A crônica prossegue afirmando que nada foi poupado para dar à festividade brilhantismo e, ao mesmo tempo, iludir a população que lá estivera presente, proporcionando a esta

[...] divertimentos *gratuitos*, que a sollicitude paternal do governo lhe oferece [...] regatas, corridas, touradas, fogos de artifício, musica, girandolas [...]. Em quanto o povo se diverte, não pensa na má gestão dos negocios públicos, nem lembra que a Republica só tem servido para a elevação de ambiciosos sem mérito, e, para aumentar a fortuna dos especuladores sem crenças<sup>42</sup>.

As críticas apresentadas pelo jornal são contundentes e põe em cheque as narrativas que descreviam não apenas as regatas, mas o fervor com que o público as assistia e a empatia desse com os ideais republicanos. Feitas para divertir e distrair, as regatas que compunham as festas cívicas seriam, então, poderoso instrumento político, usado para falsear a realidade cidadina. Mesmo sendo alvo dos opositoristas do governo, ou porque era instrumento político desse, as regatas continuaram a compor a programação das festas republicanas. Em 1896 as comemorações foram iniciadas às seis horas da manhã com um passeio escolar que reuniu “[...] diversos carros alegóricos symbolizando a Sciencia, a Republica, o Exercito, o Povo, etc”. Logo após o desfile, às “8 horas da manhã [...] na nossa formosa bahia [ocorreu] uma esplendida regata, promovida por estimaveis cidadãos, [e, a] 1 hora da tarde bellas corridas verificaram-se no prado do Jockey-Club Paraense [...]”<sup>43</sup>.

Quão pujante o desfile: ciência, República, o povo, todos representados por carros alegóricos, caprichosamente decorados. Eram os ideais Republicanos forjando uma nova Belém, e as regatas, mesmo que timidamente, começavam a compor esse quadro, inclusive, lado a lado com o hipismo, então o espetáculo preferido do belenense, ao lado das touradas. Ao crescerem em popularidade, as regatas, progressivamente, adquiriram relevância dentro da programação da festa republicana, transformando-se em instrumento propagador dos ideais daquele regime. Outrossim, cabe destacar que

[...] em meio a grupos urbanos de Belém, integrados por representantes de categorias sociais diversificadas [...] a festa republicana [era voltada] ao enaltecimento do novo regime, precisamente porque a festa, vista por esse

<sup>41</sup> O DEMOCRATA, 15.11.1892, p.1.

<sup>42</sup> O DEMOCRATA, 15.11.1892, p.1.

<sup>43</sup> FOLHA DO NORTE, 17.11.1896, p.2.



ângulo, cerca-se do sentido de coesão, unidade, congraçamento em torno de um valor comum [...] <sup>44</sup>.

A Baía do Guajará, acolhedora e festiva, parecia um porto seguro para o ideal republicano. Os jornais anunciavam com antecedência a realização das regatas, não se privando de carregar nos matizes que davam vida e movimento às crônicas:

Para comemorar a gloriosa data do advento da Republica brasileira e a adesão do Pará a esse movimento politico que realizou a aspiração do povo e firmou uma era de ordem e progresso para a nação, o ilustre chefe da executivo, Senador Antonio Lemos, empenha todos os exforços. Dentre os festejos projectados e que serão levados a effeito é sem duvida a regata o que mais despertará a attenção publica [...] <sup>45</sup>.

O jornal “O Pará”, que era um dos braços de Lemos, chega a publicar em 15 de novembro de 1898, em mais de metade de uma página, a programação das festas, com destaque para as regatas. Ocorreram oito provas, sendo a primeira delas, denominada “Marinha Brasileira”, disputada por “[...] gentis e graciosas meninas [em] Escaleres a trez remos [um tendo como] patrão a menina Violeta Pontes de Cravalho [e o outro] a manina Alba Farias.” <sup>46</sup> Aqui, as mulheres já aparecem como competidoras, sem, no entanto, estarem livres de um papel secundário, ainda ligado a valores distantes da competitividade, como serem descritas como gentis e formosas. A segunda prova do dia trouxe uma curiosidade de vida curta: uma competição entre velocípedes marinhos, e foi disputada por três competidores.

A organização do evento apresentou regras bem definidas e rígidas, desde a observância à pontualidade, passando por delimitações sobre o espaço a ser respeitado por cada embarcação antes e ao longo das provas. Configurava-se assim um processo disciplinar e pedagógico que levaria à esportivização das regatas, estabelecendo limites e esquadrinhando a espacialidade das águas. Vejamos:

Nenhum pareo formará na linha antes de se levantar o signal de chamada [...]. A bandeira branca e azul, em xadrez, hasteada no ponto de partida e confirmada com um tiro, indica a annullação da sahida; içada essa bandeira e do mesmo modo confirmada, no ponto de chegada, indica a annullação do pareo. [...] Nenhuma embarcação, sob pena de ser retirada do pareo poderá: - navegar na linha de outra <sup>47</sup>.

<sup>44</sup> COELHO, 2002, p.133.

<sup>45</sup> O PARÁ, 05.11.1898, p.2.

<sup>46</sup> O PARÁ, 15.11.1898, p. 4

<sup>47</sup> O PARÁ, 15.11.1898, p. 4.



A composição da regata apresenta elementos harmônicos e racionalizados, entre os quais, a adoção de bandeiras como pequenos e normativos símbolos que deviam ser obedecidos de forma incondicional, bem como os impedimentos físicos, configurando o campo de deslocamento das embarcações, sempre em relação a si e ao oponente, em um esquadramento das águas que, se não era visível, ou palpável, mesmo assim estava lá e delimitava territórios e espacialidades. Desse modo, o conjunto de regras especializadas e de limites pré-concebidos, cuja obediência se fazia obrigatória, acabava por educar corporalmente<sup>48</sup> os competidores, não menos que público. Afinal, se os “remeiros”, (termo e concepção bem distante do termo “rowers”, que seria utilizado ao longo do processo de esportivização para designar os atletas de remo), exercitavam seus músculos, controlavam seu fôlego e remavam ao ritmo ditado por um patrão, o público, maravilhado com o que testemunhava, se entregava ao êxtase e à diversão, envolvido e integrado àquela nova e festiva forma de sociabilidade ao ar livre que ali se instalava.

#### EPÍLOGO: SAEM AS FESTIVIDADES, ANUNCIA-SE O ESPETÁCULO ESPORTIVO

As águas guajarinhas aos poucos se transformavam em palco para o exercício de arranjos e elaborações políticas, o mesmo podendo ser dito sobre a invenção de um campo esportivo e de uma urbanidade que entendia esse campo como primordial ao que se entendia como progresso. Isso, no entanto, não impediu que entre os anos de 1905-1906, as regatas deixassem de ser disputadas. Porém, o que aparentava declínio, ganha força e projeção a partir da fundação de clubes náuticos (como o Grupo do Remo, em 1905), e, fundamentalmente, com a instalação em Belém, em 1909, da “Liga Marítima Brasileira”, que fora criada no Rio de Janeiro em 1907.

A criação da liga, contando com o apoio da Intendência Municipal, ao assumir o papel outrora delegado aos poderes públicos, a associações (como a dos catraieiros) e mesmo os clubes, acaba por inaugurar um novo formato burocrático, próximo daquele de uma federação esportiva, como queriam os reclamantes da época. Isso provoca mudanças nas formas de disputa das provas náuticas, o que pode ser entendido como uma transição para o modelo

---

<sup>48</sup> “Compreendida como uma *noção*, a *educação do corpo* remete-nos à necessidade de precisar os elos entre *corpo e educação* para além da escola e implica seguir traços, apreender vestígios, esboçar contornos nem sempre nítidos, nem sempre visíveis e, mesmo, compreendidos como *educativos* (SOARES, 2014, p.219).



esportivo que se faria soberano anos mais tarde. T tamanha foi a importância dada à fundação da Liga que o então intendente Antonio Lemos foi o primeiro delegado geral da mesma, garantindo assim visibilidade e o apoio das elites belenenses, o que indicava um possível entendimento de que a prática do remo, ou o espetáculo promovido por este, integrava-se ao projeto de modernização do intendente.

O papel de Lemos como delegado geral se confundia com o de político, dando relevância e reconhecimento à Liga e às regatas por ela promovidas. Tais regatas guardavam particularidades que as aproximavam do modelo esportivo, e isso fica evidente na obrigatoriedade de os remadores pertencerem ao quadro de sócios de clubes náuticos. Assim, desde o primeiro evento promovido pela Liga, exigiu-se das “[...] pessoas que [desejassem] tomar parte declarar [o] numero de remadores, sociedade ou grupo nautico a que pertencem, etc.”<sup>49</sup>

Os clubes treinavam seus remadores meses antes da realização da regata, já em um ritmo próximo ao do modelo esportivo e bem distante daquele dos tempos das regatas comemorativas. Não aleatoriamente, a expressão treino (por vezes escrito “trainos”) e treinamento<sup>50</sup> começam a ser utilizadas. De fato, há indícios de que havia treinamento entre os remadores, bem como a clareza e adoção de técnicas referentes à arte do remo já nos idos de 1905. Vejamos o que diz uma crônica publicada pela coluna “Notas Sportivas” sobre os remadores do Club Sportivo Paraense:

Nota-se geral entusiasmo entre os remadores dos diversos clubs d’esta capital.

Salientam-se os rapazes do Club Sportivo, que diariamente se trainam e adoptaram como eschola a queda do corpo á italiana, queda de bastante utilidade para o bom seguimento da embarcação. Dirige os ensaios o diretor sportivo do club, o rower sr. Salvador Aragão.

O único club que tambem adopta esta queda e que lhe conhece o segredo, é o Club de Gragoatá, na capital da Republica.<sup>51</sup>

Além do treinamento diário, ministrado pelo diretor esportivo do clube, que também era um “rower”, a crônica evidencia que os remadores do Club Sportivo dominavam uma técnica, de origem italiana, que melhorava a performance dos remadores no que diz respeito à condução da embarcação. Não encontrei outras crônicas que fizessem referência a tal técnica,

<sup>49</sup> A PROVÍNCIA DO PARÁ, 11.08.1909, p.1.

<sup>50</sup> Interessante discussão sobre o treinamento corporal e sua relação com a natureza pode ser encontrada em VAZ, 1999.

<sup>51</sup> FOLHA DO NORTE, 12.12.1905, p.3.



muito menos se os remadores que a adotaram saíram vitoriosos das competições. Mas, o que importa aqui é o fato de o conhecimento sobre as modernas e eficazes técnicas de remo circular por Belém. Quem sabe até, trazido por algum viajante ou imigrante italiano que ali fixou residência.

Chegara o ano de 1912. Belém amargava os efeitos da crise do comércio da borracha<sup>52</sup>. E, mais que isso: o “Velho Intendente” Antonio Lemos fora deposto e escorraçado da cidade por seus inimigos políticos. Com isso, a Liga Marítima foi extinta em Belém e, a partir daí, as regatas, ao longo de 1912, foram promovidas pelos clubes náuticos, notadamente o Grupo do Remo. Isso não significa que o vínculo e apoio político inexistissem. Pelo contrário, os clubes continuavam procurando o poder público, e esse continuava a entender as regatas como um acontecimento capaz de gerar lucros políticos. Assim, em agosto de 1913 os jornais divulgavam a pretensão de “[...] um grupo de ‘rowers’ [em] fundar nesta capital uma ‘federação do remo’, afim de organizar e levantar o esplendido sport nautico, tão decahido entre nós. Para isso, breve realizar-se-á uma sessão preparatória.”<sup>53</sup>

No dia seguinte, outra nota, assinada sob o pseudônimo “O Proão”, saudava a possível criação da federação, desejando que tal “[...] pleiade de ‘rowers’ não esmoreça [pois] a obra é difficil, mas não impossivel [...] É o que desejamos para que possamos rivalizar em ‘sport’ com Pernambuco e Bahia que neste gênero estão actualmente em plano superior.”<sup>54</sup> Desse modo, com o apoio dos poderes públicos, a gerência efetiva dos clubes náuticos na realização das regatas, e a divulgação por parte da imprensa, o processo de esportivização das regatas foi solidificando-se, desembocando, no início dos anos de 1910, nos esportes náuticos, capitaneados pelo remo, que, em seguida, tornar-se-ia o esporte preferido dos belenenses, até ser, ao final dos anos de 1920, superado pelo futebol.

## Sketch about festive regattas in Belém do Pará (1876 to early years of 1900’s)

### ABSTRACT

---

52 A crise do comércio da borracha concentra-se a partir da década de 1910, com as sucessivas baixas no preço do produto [e] a despeito das tentativas de mudança na dinâmica da economia da borracha, a década de 1910 vai ser marcada pela queda de capital das casas aviadoras, firmas comerciais e capital bancário (CANCELA, 2011, p.49-52).

53 ESTADO DO PARÁ, 27.08.1913, p.3.

54 O ESTADO DO PARÁ, 28.08.1913, p.4.



*The article aimed to discuss the festive regattas between 1876 to early 1900, in Belém do Pará. The sources were newspapers of the period. It was concluded that such regattas made up the sportivization framework of water sports, creating a positive meaning to outdoor living, lined with modernization and urbanization during the belle époque in Belém.*

**KEYWORDS:** regattas; water sports; Belém do Pará (1876 to early 1900).

## Comentarios sobre las regatas festivas en Belém do Pará (1876 hasta los primeros años de 1900)

### RESUMEN

*El proposito es discutir las regatas festivas entre 1876 y principios de 1900, en Belém do Pará. Es como fuentes periódicos. Se concluyó que las regatas compuseram el marco de la sportivization de los deportes náuticos, creando un sentido positivo a la vida al aire libre, en línea con la modernización y la urbanización durante la belle époque en Belém.*

**PALABRAS CLAVES:** Regatas. Deportes náuticos; Belém do Pará (1876 hasta los primeros años de 1900)

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, J.F. Cólera, o flagelo da Belém do Grão Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004.

BOURDIEU, P. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

COELHO, G. M. No coração do povo: o monumento à República em Belém – 1891-1897. Belém: Paka-Tatu, 2002.

CANCELA, C. D. Casamento e família em uma capital amazônica: Belém 1870-1920. Belém, PA: Ed. Açaí, 2011.

DIAS, D.C. Quem te margeia conta de ti: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DIAS, D. C.; SOARES, C. L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). Projeto História (PUCSP), v. 49, p. 19-49, 2014.

DIAS, E. M. A ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920. Manaus: Editora Valer, 2007.

ELIAS, N; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

FREHSE, F. O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HOBBSAWM, E. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.



LUCENA, R. F. O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

SARGES, M. N. Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912), 3.<sup>a</sup> ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2010.

\_\_\_\_\_. Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1869-1973). Belém: Paka-Tatu, 2002.

SCHWARCZ, L.M. População e sociedade. In: SCHWARCZ, L.M. (org.). História do Brasil Nação: 1808-2010. Volume 3: A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (org.). História da vida privada no Brasil: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 3.

\_\_\_\_\_. Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOARES, C.L. Educação do corpo (verbete). In GONZALES, F.J.; FENSTERSEIFER, P.E. (orgs.). Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Editora Unijuí, 2014, p.p 219-225.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99, p. 89-108.